

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM GEOGRAFIA

**(RE) PRODUÇÃO E USO DO SOLO URBANO NO BAIRRO DAS
MALVINAS: MUDANÇAS DECORRENTES DESSE PROCESSO**

POR

Herculano Candido de Sousa Neto

CAMPINA GRANDE - PB

2010

HERCULANO CANDIDO DE SOUSA NETO

**(RE) PRODUÇÃO E USO DO SOLO URBANO NO BAIRRO DAS
MALVINAS: MUDANÇAS DECORRENTES DESSE PROCESSO**

Ficha Catalográfica elaborada pela Biblioteca Setorial Luiza Erundina – Serviço Social – UEPB

S725p

Sousa Neto, Herculano Candido de.

(Re)Produção e uso do solo urbano no bairro das Malvinas
[manuscrito] : mudanças decorrentes desse processo /
Herculano Candido de Sousa Neto. – 2010.

54 f. : il. color.

Trabalho Acadêmico Orientado (Graduação em Geografia)
– Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação,
2010.

“Orientação: Prof. Me. Ernani Martins dos Santos Filho,
Departamento de História e Geografia”.

1. Geografia Urbana. 2. Espaço Urbano - Bairro das
Malvinas. 3. Área Urbana – Modificações. I. Título.

21. ed. CDD 910.91

CAMPINA GRANDE - PB

2010

**(RE) PRODUÇÃO E USO DO SOLO URBANO NO BAIRRO DAS
MALVINAS: mudanças decorrentes desse processo**

Aprovado em _____ de _____ de 2010

Banca Examinadora

**Profº. Msc. (UEPB)
Orientador**

**Prof º. Msc. (UFCG)
1ª Examinador**

**Profª. Msc. (UEPB)
2ª Examinador**

DEDICATÓRIA

Aos meus pais

Francisco H. de Sousa e Francisca Menezes de Souza que sonharam comigo este momento.

Aos amigos que me estenderam as mãos nessa árdua caminhada.

AGRADECIMENTO

- Agradeço ao SENHOR DEUS por sua infinita misericórdia e GRAÇA, por meio da qual obtive inspiração para seguir em árdua peregrinação enfrentando os momentos de dificuldade e escassez. Ao SENHOR eu dedico a materialização deste trabalho com louvor
- Aos amigos que estenderam a mão, ajudando-me nos momentos de dificuldades... Que também compartilharam comigo, os momentos de intensa alegria...
- Ao Profº. Ernani Martins dos Santos Filho pela dedicação que me prestou na valiosa orientação deste trabalho. Muito Obrigado.
- Ao Profº. Dr. Paulo Sergio Cunha Farias e a Profª. Marlene Macário pelas excelentes proposições concedidas. Muito obrigado.
- Ao Romildo Araújo presente nesta trajetória.
- Ao Ronaldo Batista pela valiosa amizade e auxílio nos momentos difíceis.
- Ao estimado Evandro um braço forte e uma amizade sincera que com sua esposa Girlene, sempre me acolheram com carinho.
- Ao Anderson Luis, profícuo colaborador.
- Ao Rev. Moisés Monteiro de Lima pelos conselhos e estímulos.
- Ao Ricardo Araújo amigo e colaborador.
- Ao companheiro Adriano Ferreira a quem muito respeito.
- Aos colegas que somaram esforços comigo, na gestão da AGB Campina Grande, a todos (as) um forte abraço.

RESUMO

O presente trabalho pretende abordar algumas questões relacionadas ao processo de (re) construção do espaço urbano no bairro das Malvinas, localizado na zona Oeste da cidade de Campina Grande. A pesquisa procura esclarecer de que forma, o movimento dos grupos e agentes sociais que produzem o espaço, atuaram no curso do processo de (re) construção acentuado especialmente no último decênio. Quais foram mudanças ocorridas no espaço, sendo elas, oriundas de um modelo global de construção/(re) construção do espaço urbano cujos reflexos incidem no bairro das Malvinas a partir da ocupação das frações ociosas do espaço, alvo da ação dos grupos sociais envolvidos no processo causando conflitos de grupos pelo acesso e uso do solo urbano fato intensificado no ultimo decênio. Segue, analisando a morfologia do tecido urbano a partir da abertura das vias de acesso que promove uma intensa valorização do solo urbano, causando um duplo processo de especulação fundiária e expropriação imobiliária, ambos resultantes de uma acentuada alocação de infra-estruturas, equipamentos técnicos e serviços que alteraram o cotidiano da população.

Palavras chaves: espaço urbano - (re) construção - morfologia

ABSTRACT

This study addresses some issues related to the process of (re) construction of urban space in the neighborhood of the Malvinas, located in the western city of Campina Grande. The research aims to clarify how the movement of groups and agents that produce social matters space, acted during the process of (re) building strong especially in the last decade. What were changes in space, and they, coming from a global model construction / (re) construction of urban space has implications in the neighborhood of the Malvinas from the occupation fraction of idle space, target the action of social groups involved in process causing group conflict for access to and use of urban land actually intensified in the last decade. Here, analyzing the morphology of the urban fabric from the opening of access roads which promotes an intense appreciation of urban land, causing a double process of speculation in land and property expropriation both, resulting in a sharp allocation of infrastructure, technical equipment and services that have altered the daily life of the population.

Keywords: urban space - (re) construction - morphology

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	19
Figura 2	24
Figura 3	25
Figura 4	30
Figura 5	33
Figura 6	37

LISTA DE FOTOS

Foto 1.....	23
Foto 2.....	26
Foto 3.....	26
Foto 4.....	31
Foto 5.....	32
Foto 6.....	36
Foto 7.....	40
Foto 8.....	43

SUMÁRIO

Páginas

INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO 1 - A Produção do Espaço do Bairro das Malvinas:	
Considerações teóricas conceituais.....	14
1.2 O bairro das Malvinas como objeto de análise.....	16
1.3 O adensamento estrutural e demográfico.....	18
1.4 A ocupação dos espaços ociosos.....	25
CAPÍTULO 2 - O ESPAÇO REFEITO NO BAIRRO DAS MALVINAS	29
2.2 Outra dinâmica no bairro das Malvinas?.....	32
2.3 produção e consumo do espaço.....	34
2.4 Os níveis de habitações.....	35
2.5 os conflitos de classes.....	38
CAPÍTULO 3 - A Abertura das Vias de Acesso e a Morfologia do Tecido Urbano	40
3.2 a expropriação imobiliária.....	41
3.3 a concentração de novos equipamentos.....	42
Considerações Finais.....	46
Referências.....	49
Anexos.....	51

INTRODUÇÃO

O bairro das Malvinas é o mais populoso de Campina Grande e encontra-se localizado na zona Oeste desta. Tendo se originado a partir de um conjunto habitacional que fora ocupado por uma população carente de moradia, seu nome é uma referência ao conflito entre a Argentina e a Inglaterra no início da década de 1980, pela posse das ilhas Falklands (Malvinas). O bairro surge assim, num contexto de insatisfação popular, onde um grupo social carente confronta-se com o Estado na luta pelo direito a cidade .

As variáveis que constituem o processo de urbanização do Brasil emanam de uma lógica de modernização que impulsionam o crescimento das cidades brasileiras¹. A modernização passa então a ser a nova marca das cidades. Nesse momento, o Brasil começa a efetivar um esforço de industrialização pautado na integração do território que vai avançar em sua pretensa modernização (1970), intensificando o fluxo de pessoas em direção aos centros receptores de investimentos causando, portanto, um rápido crescimento expressivo das/nas cidades brasileiras.

Campina Grande se insere neste contexto. Passando a receber investimentos que vão redefinir os setores de suas atividades produtivas vai, ser alvo de migrações das populações das cidades vizinhas que vão se estabelecer nela, devido às possibilidades que a cidade passa a oferecer. Isso provoca a expansão de sua malha urbana com um deslocamento para as periferias.

O bairro das Malvinas surge dentro dessa etapa de crescimento. Sofreu, ao longo do seu processo histórico, intensas reformulações tendo como principal agente promotor o Estado, especialmente no último decênio (1999 - 2009) onde a intensificação do movimento da sociedade (classes sociais) provocou uma dinâmica intra-urbana, que o coloca, entre os

¹ Milton Santos, em sua obra "A Urbanização Brasileira," fornece os elementos para compreensão do processo de urbanização da sociedade brasileira, que desde a fase pretérita, vai concentrar-se em pontos privilegiados pela presença de equipamentos técnicos que passam a exercer um papel balizador na evolução das cidades, bem como a hierarquia resultante da absorção das técnicas pelos lugares.

principais bairros da cidade que se inserem dentro dessa nova dinâmica de valorização do solo urbano.

Percebe-se uma acentuada alocação de infra-estrutura, que transformou o bairro, deixando-o atrativo para a classe média, desencadeando assim, um rápido e intenso processo de expropriação imobiliária.

Objetivamos aqui analisar a (re) construção do espaço urbano do bairro das Malvinas enquanto reflexo da atuação dos atores sociais envolvidos neste processo, em especial o Estado, cujo perfil (promotor/regulador) revela-se na maneira de apropriação e uso do solo urbano, isto é, no processo de espacialização.

A temática possibilita o entendimento das relações socioespaciais desenvolvidas no bairro das Malvinas, cujos investimentos em infra-estruturas realizados pelo Estado alteram o perfil social, pois o lugar passou a ser habitado por famílias de um maior poder aquisitivo, uma vez que o preço da terra (trabalhada) tornou-se elevado devido aos investimentos realizados os quais dão a atual forma/conteúdo material e imaterial do bairro das Malvinas.

É importante ressaltar que a pesquisa orienta-se no sentido de revelar no processo de (re) produção do solo urbano, as conseqüências (mudanças), cujo desdobramento vai promover alterações de forma/conteúdo² refletindo diretamente na dinâmica sociedade/espaço.

O trabalho procura estabelecer, em nível metodológico,³ uma abordagem dialética, buscando, dessa forma, uma apreensão do objeto. Uma vez que a problemática abordada é uma realidade vivenciada em uma

² A noção de forma/conteúdo foi aqui colocada na pretensão de entender o movimento social visto a partir do recorte espacial em destaque (o bairro das Malvinas) e, as alterações em marcha que nos do entendimento parcial do movimento da totalidade espacial cuja nossa visão alcança parcialmente. A reflexão filosófica dos termos (forma e conteúdo) repousa, na obra de Lefebvre (2001), onde o autor afirma que forma e conteúdo são elementos justapostos. Não há forma sem conteúdo. Não há conteúdo sem forma. [...] Através da razão dialética, os conteúdos superam a forma e a forma dá acesso aos conteúdos. A forma leva assim uma dupla existência. Ela é e não é. Só tem realidade nos conteúdos e no entanto separa-se deles

³ Sobre o diálogo entre os métodos: procuramos entender as variáveis (em seu conjunto) precedentes em matrizes exógenas (as metrópoles), que posteriormente se (re) direcionam para as cidades médias e pequenas. Se interpostas, redefinem o lugar por elas afetado. pelo método dialético, procura-se entender o movimento sociedade/espaço dentro de um contexto (conflituoso) que nossas lentes permitem alcançar.

escala global, sobretudo nas grandes metrópoles dos países subdesenvolvidos sendo resultado de estudos mais amplos, cuja visão das bibliografias consultadas permite pensar a realidade local, mesmo esta sendo dotada de uma singularidade. A singularidade pertinente ao lugar exige-nos a adequação das noções conceituais à realidade local evitando, por isso mesmo, o exagero na interpretação ao considerar elementos fugazes.

Quanto a aplicação das técnicas de pesquisa, essa deu-se a partir da revisão bibliográfica que forneceu embasamento para compreensão do espaço urbano, e possibilitou o entendimento das alterações do espaço, base material de reprodução de vida. Levantamento fotográfico e observação *in locus* que permitiu compreender o processo porque passa o bairro na atualidade.

Nesse sentido, procuramos no primeiro capítulo abordar, a produção do espaço (conjunto habitacional) com ênfase em sua tessitura teórico/conceitual, cujo processo se inicia a partir de 1983 e desenvolve-se nos anos seguintes.

No segundo capítulo, veremos as implicações referentes às questões estruturais, onde o espaço é refeito, tendo o Estado como ator basilar, que dotando essa área de infra-estrutura, torna atrativa a uma nova classe que se aloca. Se por um lado, esse mesmo Estado intensifica o processo de espoliação dos primeiros moradores e, que não acompanham mais a valorização do solo urbano sendo, portanto, espoliadas e direcionadas para as áreas limítrofes. Por outro, infere um movimento da população em direção a ocupação das áreas ociosas, ou seja, a apropriação indevida dos espaços públicos que ficaram reservadas ao longo do processo de materialização e que recentemente passaram a ter outra função.

Por fim, enfatizaremos no terceiro capítulo a morfologia do tecido urbano do bairro das Malvinas que se dá a partir da abertura das vias de acesso, fator relevante na valorização do solo, que acentua a alteração do perfil sócioespacial do bairro no processo em curso, e que tende a promover o aumento considerável das atividades cotidianas que somadas dão a elaboração atual do fragmento espacial em análise.

CAPÍTULO 1

A PRODUÇÃO DO ESPAÇO DO BAIRRO DAS MALVINAS: considerações teórico-conceituais

O espaço geográfico é o objeto de estudo da Geografia, é sua razão de ser. O conceito de espaço tem sido estabelecido em inúmeros estudos e campos científicos. Porém, é na geografia onde sua abordagem tem sido central, portanto, o espaço geográfico é o objeto da geografia e sua razão de ser. A ciência geográfica não ambicionou uma concepção definitiva do espaço geográfico, isto é, não construiu uma proposta acabada acerca do que é ou pode ser o seu objeto; antes de tudo, uma indicação passível, uma interpretação dentro de um dado momento histórico. Em cada momento, a sociedade cria/recria o espaço o que possibilita novas concepções, há, portanto, um processo contínuo de reformulação que segundo Santos (2008, p. 28):

O espaço dever ser considerado como um conjunto indissociável, de que participam, de um lado, certo arranjo de objetos geográficos, objetos naturais e objetos sociais, e, de outro, a vida que os preenche e os anima, ou seja, a sociedade em movimento. [...] O espaço, por conseguinte, é isto: um conjunto de formas contendo cada qual frações da sociedade em movimento.

Quando se trata do espaço urbano, convém a abordagem em seu sentido mais *estricto*, isto é, de maneira que aborde sua dimensão urbana, revelando suas características mais intrínsecas que possa legar fundamentos para uma compreensão do espaço num plano mais geral, e do movimento social permanente num plano mais específico. Buscando esclarecer a realidade urbana, Roberto Lobato Corrêa (2002, p.9) afirma que:

O espaço da cidade é assim, e também, o cenário e o objeto das lutas sociais, pois estas visam, afinal de contas, o direito a cidade, à cidadania plena e igual para todos. Eis o que é o espaço urbano: fragmentado e articulado, reflexo e condicionante social, um conjunto de símbolos e campo de lutas. É assim a própria sociedade em uma de suas dimensões, aquela mais aparente, materializada nas formas espaciais. Este é o nosso objeto.

Por que o espaço urbano acumula tantas tensões e conflitos? Quais as causas de tantas disparidades socioespaciais que permeiam o ambiente urbano? Por que o urbano enquanto realidade abstrata distancia tanto os cidadãos de suas aspirações mais simples a exemplo do direito à moradia? Sobre estas indagações Ester Limonad (2004, pp. 248-249) escreve que:

Na esfera da reprodução da família, o espaço de vida, do cotidiano, alterou-se devido à redistribuição espacial da população, ao desenvolvimento do meio técnico-científico e as novas condições gerais de produção. A reprodução de cada uma dessas esferas da vida social requer um espaço social condizente com suas necessidades históricas de produção. O problema é deveras mais complexo, uma vez que compreende o envolvimento de distintos atores sociais e confronto, bem como abrange as particularidades, construídas historicamente, de cada formação socioespacial.

O espaço urbano tem como principal função o ser e o estar preparado para o capital e sua reprodução, ou seja, nele se inscreve um conjunto de ideologias fundamentalmente propostas para ser guia e luz da sociedade que é frequentemente direcionada ao consumo, como salienta Lefebvre (1999) em sua obra, *A Revolução Urbana*. O Estado apresenta-se como principal mediador entre os grupos sociais que expressam interesse pelo solo urbano que neste caso torna-se mercadoria (RODRIGUES, 2001), e, os seus anelantes já destacados por Roberto Lobato Corrêa (2002), são: os proprietários dos meios de produção, os proprietários fundiários, os promotores imobiliários, o Estado, e os grupos sociais excluídos⁴.

O Estado assume, portanto, uma posição ambivalente na produção do espaço urbano. Comporta-se como regulador e produtor concomitantemente. O que lhe atribui um caráter diferenciado dos demais atores supracitados.

4 A classe social composta por pessoas de menor poder aquisitivo, não raro, assume uma posição coadjuvante na agenda de intenções do ESTADO, mesmo sendo composta pela maior parte da população dos/nos Países chamados subdesenvolvidos, pois havendo o consumo (inclusive do espaço) e/ou sua ideologia, tornado-se uma linguagem universal e universalizante, o cenário das cidades é intensamente hostil à classe social desprovida. Sobre o conceito de lutas de classe, Marta Harnecker (1981), escreve: Em nível de conjuntura política as classes sociais só podem ser concebidas como práticas de classe, e como as classes são grupos com interesses opostos, estas práticas de classes tomam o caráter de lutas de classe. E é justamente essa luta de classes, realizada dentro dos limites fixados pela estrutura social, que nas sociedades de classe constitui o motor da História.

Procurando então, contribuir para o entendimento da participação/colaboração do Estado na produção do espaço urbano, Villaça (1986, p.98) afirma que:

O Estado, em primeiro lugar, faz nas regiões onde se concentram as camadas de mais alta renda, enormes investimentos em infra-estrutura urbana, especialmente no sistema viário, ao mesmo tempo em que abre frentes pioneiras para o capital imobiliário [...]. Assim, o sistema viário naquelas regiões é muito melhor que no restante da cidade, não só para atender o maior número de automóveis, mas também para abrir frente de expansão do capital imobiliário.

O Estado será caracterizado pela sua posição dual, vista a partir das diferentes tomadas de posições frente aos conflitos existentes na sociedade dividida em classes que no cotidiano, conservam, reformulam e/ou (re) criam sua(s) realidades.

1.2 O bairro das Malvinas como objeto de análise

As mudanças ocorridas na cidade de Campina Grande, ao longo das últimas quatro décadas (expansão da malha urbana e a diversificação das atividades econômicas), esboçam um novo perfil do espaço intra urbano campinense. Conforme afirma Corrêa (1995), o espaço é concebido como lócus da reprodução das relações sociais de produção, isto é, reprodução da sociedade .

É nesse sentido que a espacialização do bairro das Malvinas iniciado em 23 de março de 1983, e intensificado na última década (1999 - 2009), é percebida no cotidiano da população local, que vivenciam e participam das mudanças de cunho sócioespacial que tornam explícita a nova realidade espacial, isto é, sua forma e conteúdo consolidando uma nova etapa na produção do espaço urbano. O texto a seguir apontam os primeiros conflitos no processo de (re) produção e uso do solo urbano, que atualmente configura o bairro das Malvinas.

Ocupado no dia 23 de março de 1983, o então Conjunto Habitacional Bodocongó II, que recebia o nome de Álvaro Gaudêncio de Queiroz, começou a ser construído pela Companhia Estadual de Habitação Popular (Cehap) no início

dos anos 80, com recursos provenientes do governo federal. Ao término das construções, no início de 1983, o núcleo habitacional não apresentava a infra-estrutura necessária (água, energia, sistema de esgotamento sanitário, etc.) que permitisse a entrega, por meio de sorteio, aos servidores estaduais devidamente cadastrados junto ao órgão estatal. Diante do abandono das unidades habitacionais, as mesmas foram invadidas, no dia 23 de março daquele ano, por famílias que afirmavam não ter onde morar e que não mediram esforços para garantir a posse das casas que então ocupavam, enfrentando inclusive o cerco policial e resistindo ao isolamento imposto pelo governo de então. Alguns meses após a invasão, o governo convenceu-se de que não haveria outra maneira de resolver o problema do novo núcleo habitacional que não fosse a de cadastrar os invasores e fazer com que eles pagassem as prestações das casas. Foi feito então o cadastro de cada morador num posto de atendimento instalado nas proximidades, mais precisamente na Escola Estadual Alceu do Amoroso Lima. Em seguida, foi instalada a rede elétrica, seguida da rede de água e esgotos, e o Conjunto passou a contar com a infra-estrutura mínima necessária para atender os moradores (Grifo nosso)⁵.

No que concerne a mudança estrutural do bairro no seu processo histórico, conectado a elementos exógenos internamente alocados, a partir de necessidades que trilham o surgimento de novas funcionalidades, fazemos referência ao fato que a (re) produção do espaço em sua primeira configuração (inicialmente um conjunto habitacional ocupado por uma classe social de baixo poder aquisitivo), e posteriormente, bojo da inter-ação do ator protagonista deste processo o Estado - conferem ao lugar um maior dinamismo, então, essa força permanente o torna palco receptor/emissor de fluxos diários, o lugar então revela-se com uma nova combinação de forças constituintes gerada a partir da implantação de equipamentos técnicos que refazem a relação sociedade/espaço, explicitadas em atividades mais complexas (acessar produtos e serviços dos quais apenas se encontrava, inicialmente, na área central da cidade) remontando assim a dinâmica local.

A atuação de um contingente demográfico de aproximadamente 37 mil habitantes⁶, distribuída no bairro, cuja participação na produção espacial, desencadeia uma inevitável metamorfose, do/no lugar inserindo novos

⁵ Neste caso, discordamos do termo invasão preferindo o termo ocupação uma vez que se trata do acesso aos espaços públicos. Retirado de: www.achanoticias.com.br
Acesso em 12/06/2008.

⁶ Dados do censo demográfico do IBGE ano de 2000.

elementos presentes na relação sociedade-espço, essa presença (imposta) do novo (des) faz os laços de identidade da população do lugar.

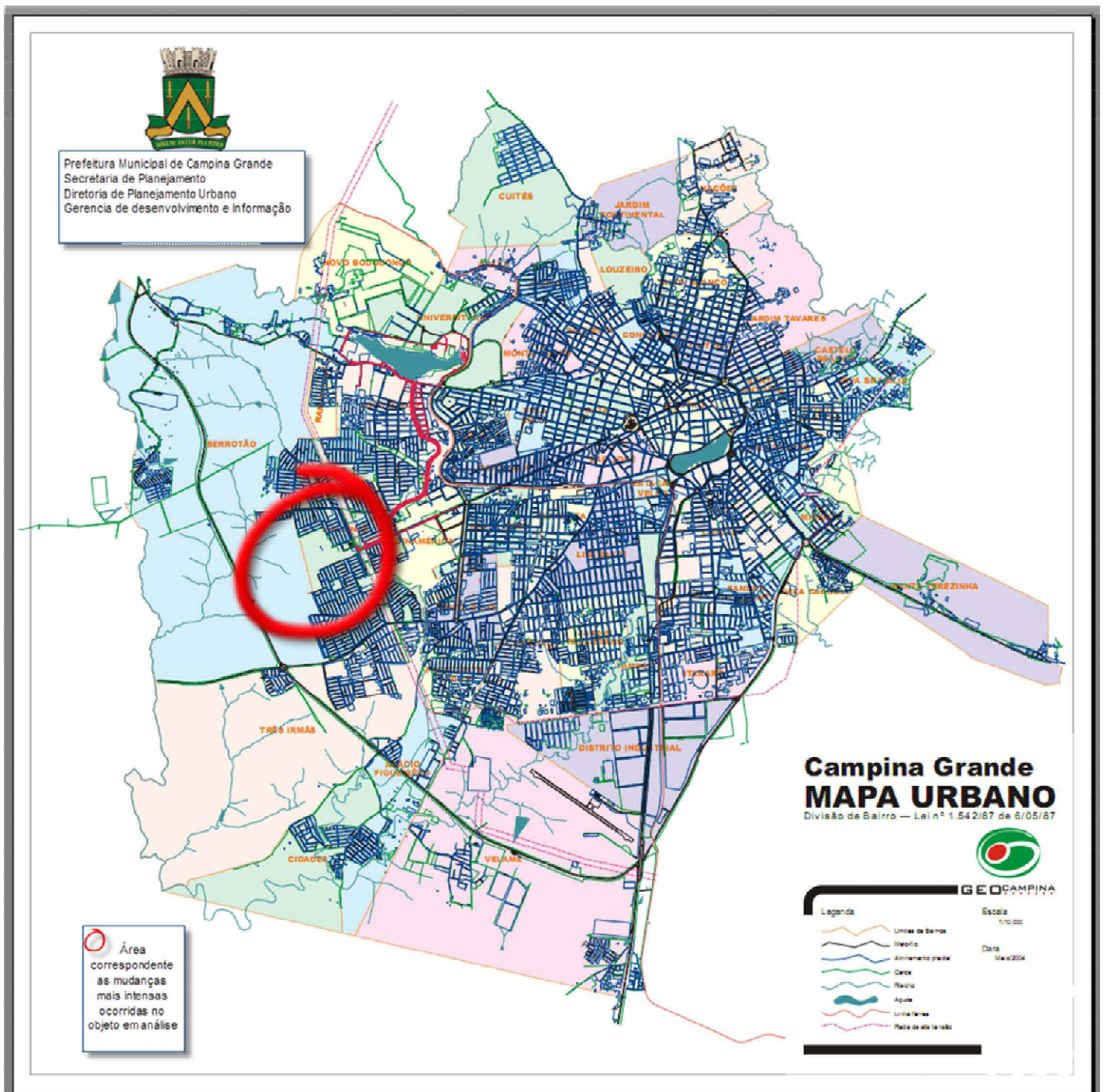
Como estamos tratando da modificação no cenário urbano do bairro das Malvinas, sua população se relaciona seguindo a nova formatação que dá conta dessa nova forma do espaço. Conforme afirma Corrêa (1995, p. 8), por ser reflexo social e porque a sociedade tem sua dinâmica o espaço urbano é também mutável, dispondo de uma mutabilidade que é complexa com ritmos e natureza diferenciados. A atuação humana sob o referido espaço seja, através dos fluxos diários, ou pela ação mais concentrada (interna), possibilitou que o bairro das Malvinas se tornasse uma das principais periferias da cidade de Campina Grande.

1.3 O adensamento estrutural e demográfico

Localizado na Zona Oeste da cidade de Campina Grande, o bairro das Malvinas possui um grande número de residências distribuídas em três áreas distintas ao longo do processo de sua formação⁷. Neste, o tecido urbano se expande em direção ao eixo Oeste conforme mostra-nos a figura.

⁷ As áreas que aqui fazemos referência são colocadas pelos moradores com propósito de informações a partir dos principais pontos de referências do Bairro das Malvinas que são: a caixa d'água, a piramidal e o bar do Alemão.

FIGURA 1 - cidade de Campina Grande - PB



Fonte: SEPLAN, 2008. Modificação nossa.

Por tratar-se de um bairro periférico⁸, foi inicialmente habitado por uma população formada por uma classe de baixa renda que posteriormente, passa a ser dividido em dois grupos: àquele grupo que possui um padrão de renda mais modesto, trabalhadores do setor do comércio, indústria e funcionalismo público (de baixa renda), que em seu cotidiano participam de migrações pendulares para o centro, e/ou para a zona sul da cidade que concentram respectivamente: os setores da economia formal (comércio e indústria) e informal, shopping popular Edson Diniz, feira central e outros, do comércio, uma fonte expressiva de renda, que aqui deve ser considerada uma vez que uma grande parcela de moradores do bairro das Malvinas é incorporada a estes setores da economia.

E, o grupo, formado por pessoas pertencentes à chamada classe média, responsável por atribuir o valor de troca ao solo urbano. Esta classe passou a se estabelecer no lugar, a partir do momento em que este passa a ser privilegiado pela ação do Estado, dotando-o com os equipamentos de infra-estrutura que requalificam o espaço e altera, por conseguinte, as relações sociais a partir da prevalescência de uma lógica maior, a da reprodução do capital.

No início do processo de materialização do bairro das Malvinas, cuja força motora deu-se a partir da presença dos grupos sociais que reivindicavam a inserção e o direito na produção da cidade, Observa-se a reprodução da lógica de um modelo de urbanização que se processava em um contexto mais amplo. O modelo de reprodução do espaço urbano das grandes metrópoles Latino Americano onde então desencadeava tal processo, e suas contradições inerentes como destaca em estudo sobre a urbanização em países em processo de desenvolvimento.

O estudo das transformações morfológicas das Grandes Metrópoles do Terceiro Mundo [nas] duas últimas décadas põe em evidência certo número de características comuns: renovação dos centros, extensão consideráveis das franjas urbanas, desenvolvimento de um habitat do tipo pavilhonar (pavillianaire) em loteamentos situados nas zonas Peri - urbanas, desenvolvimento rápido em certos casos ligados às

⁸ Ressaltamos que o termo periferia não tem um sentido homogêneo uma vez que tanto poderá existir periferias compostas por grupos de baixo poder aquisitivo, e vice versa, apresentando -se conforme a composição dos grupos presentes no processo de formação.

formas de habitat coletivo, ocupação dos espaços deixados vazios por uma grande gama de tipos de habitats populares definíveis essencialmente pela precariedade (precariedade das estruturas conhecidas das alocações) (LASSERVE, 1982, pp. 39-40).

Tanto as construções (inicialmente voltadas para atender às necessidades habitacionais, não supridas devido ao pequeno alcance das políticas habitacionais do Estado), quanto a gama de novas funções posteriormente desenvolvidas objetivando suprir as carências de infra-estruturas então surgidas em meio a uma população que passa por um notável processo de crescimento, constituem dupla inovação, isto é, altera-se a forma e o conteúdo⁹ do espaço urbano do bairro das Malvinas.

Observa-se ainda a presença de infra-estrutura básica com ruas largas e pavimentadas, rede de esgoto, energia elétrica e ainda o Hospital Regional de Campina Grande, em fase avançada de construção, pequenas agências bancárias, Igrejas, Mercado Público, DETRAN além de uma considerável quantidade de supermercados de bairro. Estes equipamentos, cujo processo de materialização é indicativo de uma localização mais valorizada desta área acabam promovendo a valorização do solo urbano tornando-o alvo das intenções dos promotores imobiliários que se apropriam de determinadas áreas com a intenção de obter lucro. Assim para Villaça (1986, p.116) O preço da terra urbana decorre, em primeiro lugar de sua acessibilidade e em segundo lugar dos serviços públicos de que dispõe. Por tanto acessibilidade e localização são fatores de maior relevância na guerra pela posse do solo urbano.

Em seu processo mais recente de espacialização, o Bairro das Malvinas recebeu uma densa aplicação de investimentos *públicos*, voltados para a pavimentação de ruas, implantação de redes de esgotos e extensão de vias de acesso que possibilita aos seus habitantes um deslocamento fácil para outras áreas da cidade mesmo estando situado a cerca de 6 km do centro comercial.

⁹ Em sua obra a Revolução Urbana, Henri Lefebvre instaura uma herança crítica filosófica em relação ao processo de urbanização, tecendo, um caminho que conduz a uma interlocução entre a Geografia e a Filosofia, o que possibilita discernir as entrelinhas deste complexo mundo Urbano.

Essa série de amenidades¹⁰ ao mesmo tempo em que se constitui como um benefício para a população residente, contraditoriamente, remete à outra realidade. Pois nesse contexto, dar-se de maneira ainda tímida, porém, não menos destituído de sua *coacção*, o processo de expropriação do solo urbano tendo na vanguarda os promotores imobiliários. Por isso, Villaça (1988, p.177), escreve:

A real valorização da terra (descontada a inflação) num período dado, resulta do trabalho humano dispendido na produção da cidade nesse período: construção de suas ruas, suas casa, seus escritórios, seus loteamentos, suas redes de água, suas igrejas, de tudo enfim.

Seguindo na mesma lógica, o bairro das Malvinas que resulta da integração de vários conjuntos habitacionais construídos em etapas diferentes¹¹ que plasmando-se, deram-lhe a forma atual desde o início de seu processo de formação (em 1983) tendo suas unidades habitacionais construídas para pessoas de baixa renda sendo as mesmas, ao longo do processo, apropriadas por indivíduos que usufruem maior poder aquisitivo podendo assim pagar pela posse das habitações. Como nos mostra a fotografia, as novas construções excedem a mera finalidade de suprir a necessidade de uma família. Volta-se para o interesse do capital imobiliário e seus promotores.

¹⁰ O termo amenidades é utilizado por Roberto Lobato Corrêa (2002), para explicar, o processo de modificação ocorrido em determinada área do espaço urbano, a partir do surgimento dos elementos, que contribui para melhorar a qualidade de vida, ou a torna mais difícil em se tratando da ausência destes.

¹¹ O bairro das Malvinas foi formado a partir do processo de construção de vários conjuntos habitacionais, iniciando, pelo conjunto Álvaro Gaudêncio de Queiróz seguido de Bodocongó 1, 2 e 3, Chico Mendes e outros.



Foto1 - Edifício em processo de construção resultante expropriação Imobiliária no bairro das Malvinas

Outro fator relevante é a questão da densidade demográfica no Bairro das Malvinas, que é aproximadamente, 10.691 habitantes por km² (IBGE 2000), fato que leva-nos a entender que o uso e a ocupação do solo envolvendo diversos atores, reproduzem a fragmentação detalhada da sociedade, em cada porção do espaço habitado, como um considerável adensamento demográfico, que é uma característica marcante dos conjuntos habitacionais. A exceção, em algumas áreas, cuja ocupação deu-se através de loteamentos privados realizados pela ação de alguns agentes imobiliários que se inserem no contexto, intensificando a espoliação urbana.

Como podemos ver na tabela a seguir, (cujos dados estão representados no gráfico1), o crescimento da população do bairro das Malvinas o coloca, como o mais populoso entre os bairros da cidade. Esse crescimento, a partir do ano (2000), traz consigo, um componente diferenciado. O perfil socioeconômico da nova população que passou a habitá-lo, o que se deu, a partir de um conjunto de melhorias implantadas que então passou a atrair uma classe média para um bairro que em sua fase pretérita trazia consigo o estigma de lugar defasado no que diz respeito à presença das condições materiais de reprodução de vida.

Figura 2 - O crescimento demográfico dos bairros de Campina Grande, com destaque para o bairro das Malvinas

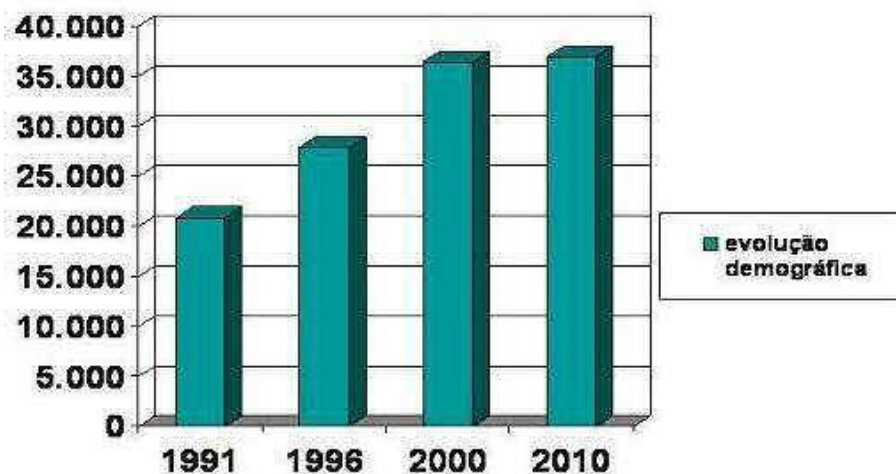
Quadro 04
População dos Bairros de Campina Grande

BAIRRO	POPULAÇÃO			BAIRRO	POPULAÇÃO		
	1991	1996	2000		1991	1996	2000
Malvinas	20.863	27.894	36.457	Prata	4.634	4.299	3.884
Liberdade	18.000	17.018	16.603	Tambor	4.571	4.600	7.031
Monte Castelo	16.925	15.446	11.481	Conceição	4.372	4.048	4.135
Catolé	15.566	18.143	17.034	Acácio/Catingueira	4.061	5.165	8.187
José Pinheiro	15.109	14.175	17.048	Três Irmãs	4.002	6.397	9.226
Bodocongó	14.248	14.393	13.129	Estação Velha	3.880	3.826	3.097
Santa Rosa	13.044	12.238	11.478	Nova Brasília	3.722	4.721	4.040
Jeremias	12.250	11.732	11.468	Cidades	3.339	4.500	4.885
Pedregal	10.644	10.706	9.267	Serrotão	3.312	5.604	6.384
Centro	9.140	7.758	7.390	Vila Cabral	3.177	3.554	4.366
Centenário	8.590	7.948	9.084	Universitário	2.998	3.796	3.718
Monte Santo	8.104	7.716	7.353	Lauritzen	2.968	2.682	2.623
Ramadinha	7.307	7.254	2.326	Jardim Tavares	2.208	2.548	2.863
Cruzeiro	7.187	8.595	10.831	Castelo Branco	2.182	2.289	2.361
Alto Branco	7.059	7.340	7.749	Velame/Distrito Ind.	2.112	2.078	5.528
Jardim Paulistano	6.451	6.333	7.298	Dinamérica	1.798	3.787	3.626
Palmeira	6.431	5.979	5.894	Itararé	1.746	1.712	2.099
Presidente Médice	6.377	6.955	4.145	Jardim Continental	1.533	2.019	2.290
Sandra Cavalcante	6.171	5.939	6.116	Cuités	1.380	1.661	1.820
Bela Vista	5.998	5.722	5.553	Nações	1.227	1.266	1.358
Quarenta	5.645	5.579	6.381	Louzeiro	1.139	1.068	1.086
Santa Cruz	5.491	7.497	7.759	Novo Bodocongó	660	888	1.248
São José	4.835	4.288	4.149	Araxá	611	1.049	1.309
Santo Antônio	4.664	4.350	4.234	Mirante	586	897	1.056
				Total	298.331	316.112	328.444

Fonte: <http://www.pmcp.pb.gov.br>, pesquisa em 28/11/2002

Fonte: Costa, 2003, (organização nossa).

Figura 3 - evolução demográfica do bairro das Malvinas



Fonte: SOUSA NETO, Com base nos dados supra ditos da figura 2.

1.4 A OCUPAÇÃO DOS ESPAÇOS OCIOSOS

O que caracteriza uma cidade de porte médio que está sofrendo um processo de crescimento urbano e diversificação das atividades produtivas? Violência, inchaço demográfico, saturação da infra-estrutura? Acerca dessa realidade que reveste Campina grande, Santos Filho e Alonso (2008, p.60) escrevem:

[...] a combinação de fatores ou processos endógenos, vistas, portanto, a partir da leitura do local, contribui para explicar a emergência do que passamos a denominar, tecnopolo de Campina Grande. Por certo, os fatores exógenos - a terceira revolução tecnológica, a formação de uma economia global e o aparecimento de uma nova forma de produção e gestão econômica - dão o tom e o revestimento a essa realidade.

No caso de Campina Grande, - inserida em um contexto nacional de produção - passa a reproduzir também as desigualdades, fruto amargo da cidade capitalista provado pela população mais carente. Especificamente no bairro das Malvinas, queremos chamar atenção para a ocupação de pequenas frações de espaços ociosos que no último decênio (1999/2009) foram simultaneamente habitadas pelos grupos que lutam por uma fração do espaço urbano.

As reformulações processadas devem-se em primeiro lugar, a presença ativa do Estado que, segundo afirma Corrêa (1995, p. 29), atua no espaço urbano como um agente modelador. A intervenção do Estado no processo de reformulação dos espaços ociosos¹² pode ser percebida, através da construção de alguns centros de assistências sociais e, ainda, núcleos comunitários de capacitação profissional.

Concomitantemente estão presentes os grupos de pessoas que lutam por uma habitação. Assim, atuam ocupando algumas áreas com o objetivo de suprirem suas necessidades de moradia. As fotos 2 e 3 mostram o mesmo ângulo com recortes paisagísticos diferenciados devido ao acentuado processo de ocupação.



Fotos 2 e 3 Processo de ocupação de espaço ocioso no Bairro das Malvinas

Em segundo lugar, e mais relevante, está à restrição ao acesso à moradia que é um fato provocado pelo próprio Estado que não possui uma política habitacional capaz de atenuar o enorme déficit habitacional o que acaba provocando intermináveis conflitos nas cidades brasileiras. o que para Maricato (1997, p. 50), seria :

[...] os baixos salários pagos aos trabalhadores [...] sem poder aquisitivo para comprar a moradia no mercado imobiliário privado [...]

¹² Na nossa análise, os espaços ociosos correspondem as frações do espaço urbano intencionalmente reservados a especulação, portanto, inseridos na lógica de reprodução espacial da cidade capitalista.

ou constrói em terrenos de parentes ou invade terras que em geral são públicas.

Os espaços ociosos no bairro das Malvinas são alvos de constantes ocupações seguidas da rápida (auto) construção de residências (simples) que adensam estruturalmente as áreas anteriormente não produzidas. A esse respeito, Corrêa (1995, p. 29) afirma que:

A habitação é um desses bens cujo acesso é seletivo: parcela enorme da população não tem acesso quer dizer, não possuem renda para pagar o aluguel de uma habitação decente e, muito menos, comprar um imóvel.

Esse certamente é o grande problema das massas urbanas, restrição ao acesso à habitação de qualidade, devido a alta concentração de renda, característica marcante das sociedades capitalistas subdesenvolvidas.

A precariedade das políticas habitacionais do Estado enquanto fato histórico, somando-se ao baixo poder aquisitivo da maioria da população das cidades dos países subdesenvolvidos, impulsiona as pessoas para as periferias menos dotadas de infra-estrutura adequada para atender as necessidades mais imediatas dos cidadãos. Esta lógica global se repete e afeta os habitantes das Malvinas (bairro periférico que, em seu nascimento, concentrava uma massa excluída) que, por isso mesmo, foi protagonista de outro problema: a inadimplência para com a Companhia Estadual de Habitação Popular (CEHAP), fato que marcou a maior parte do processo histórico da população do referido espaço. Existe algum fator implícito que promova essa inadimplência? Sobre a questão, Ermínia Maricato (1997) afirma que: quem trocou a casa pelo voto não se viu na obrigação de pagar a prestação [...] A inadimplência nos conjuntos habitacionais populares sempre foi significativa em todo o Brasil.

Percebe-se então, o conflito entre os moradores do bairro das Malvinas, desprovidos de renda suficiente para pagar os financiamento junto a CEHAP, e o Estado, que usa a ideologia da casa própria como um instrumento de alienação com o fim de arregimentar a maior quantidade possível de pessoas para garantir a permanência dos atores dominantes frente ao poder político administrativo. A inadimplência faz parte do jogo

político, e é utilizada como mecanismo que viabiliza a troca de sufrágio no consumo eleitoral.

CAPÍTULO 2

O ESPAÇO REFEITO DO BAIRRO DAS MALVINAS

Após o processo inicial de ocupação seguida de intenso adensamento estrutural e demográfico em direção ao espaço urbano até então, menos espesso e menos adensado, o tecido urbano do bairro das Malvinas apresenta-se recentemente com uma nova formatação. A alocação de uma gama de equipamentos e, especialmente, a interligação das principais vias de acesso que passaram a conectar o lugar às demais áreas de Campina Grande, encurta, virtualmente a distância entre o bairro das Malvinas e o Centro de Campina grande, bem como, aos demais bairros da cidade e, redimensiona os fluxos intra-urbanos no contexto atual.

Essa conjunção de fatos presença de equipamentos de infraestrutura e valorização do solo urbano - contribuiu para a alta concentração populacional que dá sentido a sua forma mais espessa, o que, no Brasil, é uma característica intrínseca do processo de urbanização, cuja leitura lefebveriana revela que:

A concentração da população acompanha a dos meios de produção. O tecido urbano prolifera, estende-se e corroi os resíduos da vida agrária. Estas palavras, o tecido urbano, não designam, de maneira restrita, o domínio edificado nas cidades, mas o conjunto das manifestações do predomínio da cidade sobre o campo. Nessa acepção, uma segunda residência, uma rodovia, um supermercado em pleno campo, fazem parte do tecido urbano. Mais ou menos denso, mais ou menos espesso e ativo ele poupa somente as regiões estagnadas ou arruinadas devotadas à natureza. (LEFEBVRE, 1999, p. 17).

O bairro das Malvinas se expande em uma nova rota de crescimento, que se dá através da extensão da Avenida Floriano Peixoto (principal avenida da cidade) à Alça Sudoeste (que liga a BR 104 à BR 230).

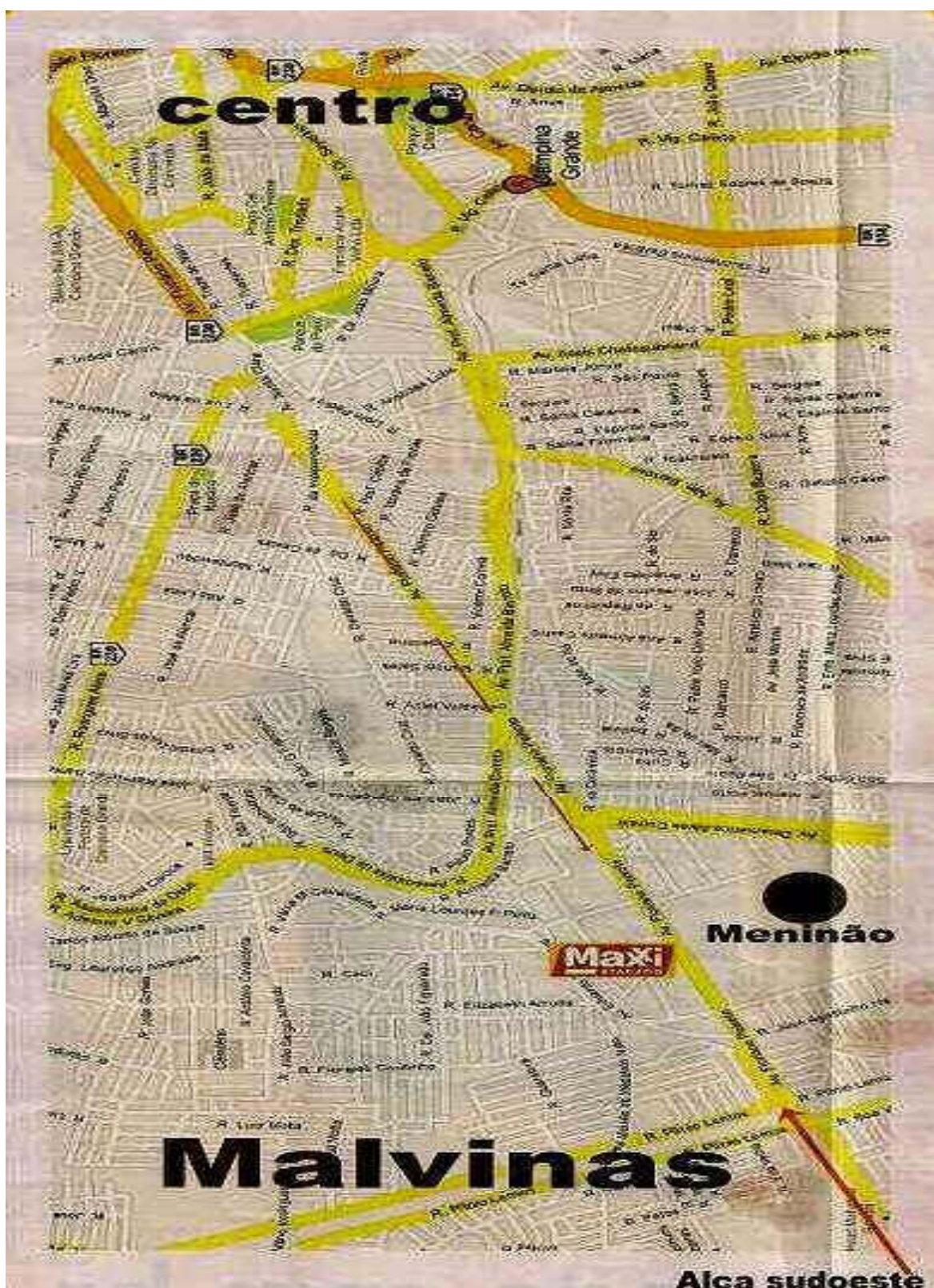


Figura 4 - Propaganda do MAXXI ATACADO, na AV. Mal. Floriano Peixoto, recentemente conectada a Alça sudoeste (rodovia) um fator relevante na (re) qualificação do bairro das Malvinas e suas conseqüências
 Fonte: Google Maps, 2010, In. Folheto de divulgação da rede Maxxi Atacado.

As margens já atraem a construção de residências (habitações simples construídas pelo Estado) e, mais recentemente, constata-se a presença dos condomínios fechados, passando a ser uma nova tendência na produção do espaço urbano no bairro. Paralelamente o início da construção do Hospital de Emergência e Traumas de Campina Grande, a maior obra pública realizada no local uma contribuição relevante para o atendimento médico-hospitalar em uma escala regional, como pode ser visto na foto a seguir.



Foto 4 - Hospital de Traumas de Campina Grande, em construção às margens da Av. Mal. Floriano Peixoto

Estes equipamentos fixos promovem o crescimento contínuo do bairro às margens da Avenida Floriano Peixoto. Segundo Maricato (1997, p.43) quando alguém compra uma casa, está comprando também as oportunidades de acesso aos serviços coletivos, equipamentos e infraestrutura. Então, com a presença de uma infra-estrutura básica em funcionamento e, com a alocação (processando-se) dos meios de reprodução da vida cotidiana (equipamentos coletivos), a tendência é que se acelere um processo de valorização tanto das áreas já habitadas quanto das áreas em que segue a expansão, tendo por intermediadores os agentes de promoção imobiliária.

2.1 Outra dinâmica no bairro das Malvinas?

O forte adensamento demográfico, a fixação de novos equipamentos (malha viária, hospital e órgãos estatais como o Departamento de Transito DETRAN, e o SEST/SENAT - Serviço Social do Transporte / Serviço Nacional de Aprendizagem do Transporte), marcou a organização dessa porção do espaço nos últimos anos. Poderia estes fatos elevar o perfil do desenvolvimento econômico do bairro das Malvinas? Seria um risco fazer uma afirmação positiva neste sentido, pois, como explica Marcelo Lopes de Souza (2003, p. 30) a diversificação das atividades econômicas da cidade, não depende só do seu tamanho demográfico, do seu número de habitantes. Ela ocorre também, muito, em função da renda das pessoas que lá moram .

Portanto, a alteração do perfil socioeconômico constatado no bairro das Malvinas é precedida da espoliação que se deu, sobretudo na fase mais recente, a saber - 1999/2009. Esse fato crucial foi possibilitado, graças ao conjunto de intervenções que refazem a infra-estrutura do bairro, sobretudo no que tange ao deslocamento. A fotografia possibilita a vista parcial das áreas mais próximas do centro de Campina Grande, conectadas por uma única via de acesso, a Av. Floriano Peixoto que é a mais extensa da cidade, com aproximadamente 8,2 Km.



Foto 5 - Av. Floriano Peixoto, principal via de acesso do bairro das Malvinas

Sobre a expansão do espaço urbano no bairro das Malvinas, muitos outros fatores poderiam ser abordados, todavia, como se trata de um espaço que está em constante expansão colocando, a Zona oeste de Campina Grande (nova rota de crescimento) no contexto recente numa dinâmica bastante acentuada de reprodução do espaço. conseqüentemente, ocorrerá uma inevitável ampliação demográfica, que implicará na saturação de políticas públicas existentes como: segurança pública, para atender o número crescente de habitantes; necessidade de ampliação das linhas de transportes coletivos, haja vista que, as existentes atualmente já estão saturadas em função do grande número de usuários; a realocação do LIXÃO da cidade de Campina Grande que está localizado às margens da Alça sudoeste, inserido, portanto, em uma área cujo tecido urbano torna-se cada vez mais espesso, para uma área mais distante evitando então os riscos de infecção/intoxicação por meio do contato com a diversidade de resíduos sólidos depositados a céu aberto, como destaca a figura abaixo.

Figura 5: o crescimento urbano na zona oeste de Campina Grande
(vista do bairro das Malvinas)



Fonte (Google Earth 2008).

2.2 Produção e consumo do espaço

A habitação é uma das questões urbanas de enfoque mais relevantes em todo o mundo, e em especial nos países periféricos, onde o acesso à habitação está subordinado ao poder aquisitivo da população.

No Brasil, a ineficiência do Estado no que concerne à resolução deste(s) problema(s), nutriu, e está nutrindo os conflitos pelo direito à habitações constatadas portanto como um problema vivenciado em escala nacional. No processo de produção do espaço estão presentes diversos atores que criam e recriam a realidade espacial dando-lhe em cada momento um significado diferenciado.

O que seria então este resultado sucessivo, causado pela ação dessa diversidade de atores que produzem o Espaço Urbano? Procurando uma resposta acerca da realidade espacial Corrêa (1995, p.11) afirma ser o espaço urbano, um produto social, resultado de ações acumuladas através do tempo, e engendradas por agentes que produzem e consomem espaço .

A produção espacial é, portanto, sucedida de consumo espacial, estas são as duas etapas a serem analisadas: produção e consumo do espaço urbano - essas ações resultantes do desenvolvimento espacial, são indicadoras da desarmonia em que vivem os cidadãos, pertencentes aos diversos grupos que compõem a totalidade espacial . Milton Santos, discorrendo sobre o processo de urbanização do Brasil afirma serem as contradições um fato generalizado, uma marca que identifica as cidades brasileiras mesmo cada uma sendo dotada de uma singularidade .

Com diferença de grau e de intensidade, todas as cidades brasileiras exibem problemáticas parecidas. Seu tamanho, tipo de atividade, região em que se inserem etc. são elementos de diferenciação, mas, em todas elas, problemas como os do emprego, da habitação, dos transportes, do lazer, da água dos esgotos, da educação e saúde são genéricos e revelam enormes carências. Quanto maior a cidade, mais visíveis se tornam essas mazelas. Mas essas chagas estão em toda parte (SANTOS, 2008, p.105).

O bairro das Malvinas vitrina o processo que vem ocorrendo de forma contraditória na distribuição espacial em análise, visto que há uma totalidade

espacial, um cunho histórico, uma sociedade inserida num processo produtivo, todavia apenas uma minoria consome o estrato qualitativo da produção espacial. Uma realidade que é denunciada pela paisagem, isto é, a partir da produção social do espaço, onde fica clara a diferença socioeconômica na produção e/ou padrão arquitetônico da habitação.

2.3 - OS NÍVEIS DAS HABITAÇÕES

A constatação de uma segregação social é percebida, sobretudo na forma da sociedade produzir e/ou ter acesso à moradia. A esse respeito, Corrêa (1995, p. 66) afirma que:

[...] a segregação residencial implica necessariamente em separação espacial das diferentes classes sociais fragmentadas. A separação, por sua vez, origina padrões espaciais, ou seja, as áreas espaciais que emergem da segregação estão dispostas espacialmente segundo uma certa lógica e não de modo aleatório.

Como na cidade capitalista, a habitação de qualidade foi constatada, como um direito exclusivo. Considerando, sobretudo a questão da renda concentrada. A segregação passa portando a dividir os cidadãos em áreas específicas da cidade onde geralmente as mais qualificadas concentram os grupos sociais de maior poder econômico, restando para os mais carentes, as áreas mais precárias. Essa realidade se processa de modo gradual, e não aleatório. É uma lógica cultivada para assegurar os moldes desiguais da produção do espaço urbano da/cidade capitalista. A foto em destaque demonstra a diferenciação dos níveis habitacionais no bairro das Malvinas ao modelo acima descrito.



Foto 6 - Residências construídas com um padrão Arquitetônico melhor elaborado, uma realidade cada vez mais acentuada no lugar

Considera-se aqui como lógica da diferenciação dos níveis de habitações no bairro das Malvinas, dois fatores:

O primeiro é o poder aquisitivo do cidadão , capaz de proporcionar-lhe o acesso à moradia de qualidade, desfrutando, portanto, das partes mais seletivas do espaço produzido.

Em segundo lugar, a parcela da população de baixo poder aquisitivo, que mora em casas de péssima qualidade, tendo em muitos casos sido adquiridas como esmolas dadas com o objetivo de subsidiar a perpetuação dos atores que governam o espaço, outros como única opção erguem habitações rústicas, constatando-se então a condição de submoradia, ou seja, uma residência sem as mínimas condições de conforto e higiene, construídas não raro, em áreas ainda não dotadas de infraestrutura.

Essas disparidades espaciais resultam das contradições, causadas por uma produção capitalista do espaço urbano em que este, passa a ser socialmente produzida, transformado em uma mercadoria cujo acesso é vedado para quem não pode pagar por uma fração e, que está sempre se (re) valorizando seguindo a lógica do sistema capitalista que conseguiu transformar o espaço da cidade em uma mercadoria de acesso restrito .

A alocação de infra-estruturas é uma das questões fundamentais para o funcionamento mais adequado do espaço urbano, pois é através da implantação de rede de esgoto, ruas bem estruturadas acesso a serviço de saúde, transportes etc, que os moradores de uma rua, de um bairro ou de uma cidade podem usufruir de uma melhor qualidade de vida . A fotografia a seguir mostra-nos a presença de uma grande área de lazer construída o que representa um atrativo a mais no processo de qualificação do recorte espacial.

Figura 6 - Construção de Área recreativa no bairro das Malvinas



Fonte: wikimapia, 2010.

Geralmente as infra-estruturas distribuídas no espaço urbano são produzidas pelo Estado, que tem atuação relevante no processo de produção espacial. Acerca desta questão, que escreve Arlete Moysés Rodrigues (1994, p. 20) afirma:

Dentre os vários agentes que produzem o espaço urbano destaca-se o Estado, que tem presença marcante na produção distribuição e gestão dos equipamentos de consumo coletivos necessários a vida nas cidades. Entre os consumos coletivos mais importantes no atual contexto histórico destacam-se: abastecimento de água, luz telefone instalação de redás

correspondentes; sistema viário e transportes coletivos; espaço coletivo de lazer e esporte, equipamentos e serviço de saúde e educação.

O espaço urbano da Zona Oeste campinense, especificamente o bairro das Malvinas é marcado por uma implantação considerável de infra-estruturas que contribui para melhoramento da qualidade de vida das pessoas. Todavia há de se considerar que nem todas as pessoas podem desfrutar da mesma qualidade de vida que o lugar oferece já que isto dependeria exclusivamente de uma distribuição de renda mais justa.

2.5 OS CONFLITOS DE CLASSES

Quando vários grupos de atores sociais com aspirações completamente opostas estão presentes no espaço urbano, promove um conflito permanente na disputa pelo acesso e uso do solo urbano. Neste caso têm predominado como vantajosos nesses conflitos os grupos sociais privilegiados economicamente, como afirma Júlia F. Alves (1992 p, 51),

O cidadão sem teto é empurrado cada vez mais para regiões distantes do centro, áreas insalubres e diversos tipos de locais proibidos para loteamentos pelas leis municipais, formando ali os chamados cinturões de miséria das grandes cidades.

É notável a imperiosa predominância do capital que governa a realidade social e econômica das pessoas na cidade com a inclusão de poucos no consumo dos bens e serviços da cidade e a exclusão da maioria desprovida de recursos tendo o direito apenas as sobras da cidade .

O direito pleno à cidade é frequentemente negado a maioria da população citadina. Este fato se reflete no bairro das Malvinas, onde o consumo do espaço, e a dinâmica da distribuição social são subordinados ao poder aquisitivo de cada indivíduo. Sobre a segregação espacial nas cidades, Ermínia Maricato (1997, p, 52) argumenta. É nas áreas metropolitanas que os resultados das desigualdades social exacerbada se apresenta de forma escancarada, representado pela segregação espacial . É dessa forma, pela segregação, que o bairro das Malvinas incorpora esta lógica já bastante acentuada nas grandes cidades e difunde-se para as

médias e pequenas cidades, e nesse contexto Campina Grande passa a reproduzir um problema vivenciado em escala global, a forte exclusão social.

Os movimentos sociais que lutam pelo amplo direito à cidade se difundem. Como já denunciaram Souza e Rodrigues (2004, p. 98) [...] Não basta pedir moradia, é preciso lutar contra toda uma série de processos que reproduzem as desigualdades sociais nas cidades .

CAPÍTULO 3

A ABERTURA DAS VIAS DE ACESSO E A MORFOLOGIA DO TECIDO URBANO

É a partir da alocação de infraestrutura que a dinâmica do espaço urbano tende a se ampliar proporcionando a determinadas áreas uma configuração inovada, uma vez que a população residente acaba nutrindo-se de atividades que outrora só seria possível em partes privilegiadas da cidade. A espacialização ocorre, portanto, com intensidades diferenciadas, pois decorre da dinâmica exercida a partir do movimento dos agentes sociais que (re) produzem o espaço, em determinada área em determinado contexto de espacialização. O registro fotográfico a seguir indica um momento específico da espacialização como reflexo da atuação dos agentes que produzem o espaço urbano inserindo o bairro numa dinâmica urbana mais acentuada.



Foto 7 Av. Mal Floriano Peixoto, esteira condutora do tecido urbano com destaque para o bairro das Malvinas Foto do autor 2009.

O papel exercido pelas vias de acesso proporciona o desenvolvimento de determinadas áreas da cidade uma vez que a interligação provocada

pelas avenidas canaliza um fluxo de atividades deslocadas de outras áreas até então, mais dinâmicas, elevando e alterando significativamente as relações societárias do lugar afetado. A noção de lugar, é assim apresentada por (CARLOS, 2007, pp.17 -18),

O lugar é a base de reprodução de vida e pode ser analisado pela *tríade habitante - identidade - lugar*. A cidade, por exemplo, produz-se e revela-se no plano da vida e do indivíduo. Este plano é aquele do local. As relações que os indivíduos mantêm com os espaços habitados se exprimem todos os dias nos modos de uso, nas condições mais banais, no secundário no acidental. É o espaço possível de ser sentido, pensado, apropriado e vivido através do corpo. [...] O lugar é a porção do espaço apropriável para a vida apropriada através do corpo dos sentidos dos passos de seus moradores, é o bairro é a praça, é a rua, e nesse sentido poderíamos afirmar que não seria jamais a metrópole ou mesmo a cidade *latu sensu* a menos que seja a pequena vila ou cidade - vivida / conhecida / reconhecida em todos os cantos.

A alocação de infra-estrutura em um bairro promove uma série de alterações no cotidiano das pessoas, no caso em estudo, destaca-se duas questões, a expropriação imobiliária e a concentração de novos equipamentos.

3.1 - A expropriação imobiliária

Provocada pela ação de promotores imobiliários que compram lotes com residências simples, ou mesmo inacabadas pertencentes às famílias de baixa renda, reformulam ou constroem edificações de melhor padrão arquitetônico tendo, conseqüentemente, uma elevação brusca no preço podendo ser direcionada à outros indivíduos que usufruem de uma melhor condição socioeconômica podendo então morar em uma área dotada de uma boa infraestrutura.

3.2 - A concentração de novos equipamentos

Nesse caso, percebe-se a atuação do Estado que atua na organização do espaço, seja na implantação de uma gama de infraestruturas necessárias para a valorização do solo urbano e, conseqüentemente, coloca-o como alvo de aspiração, seja para habitação, ou ainda para canalização de pequenos capitais, neste caso especificamente, os supermercados de bairros.

Outro fato relevante relacionado com a abertura das vias de acesso no bairro das Malvinas é a construção do Hospital Regional de Campina Grande construído à margem da Avenida Mal. Floriano Peixoto, tendo um acesso privilegiado, tanto para o sertão do Estado como para o litoral, pois está edificado em área de fácil acesso.

É, portanto, a partir do movimento da sociedade ampliando sua espacialização que o bairro passa a apresentar novas formas e funções, o que torna o espaço urbano mais denso e espesso. Cada grupo, atua de maneira específica de acordo com o conjunto de necessidade que corresponde aos seus interesses no espaço, a fim de suprir suas necessidades imediatas. Há, portanto, uma perpetuação (oscilante) de conflitos, sobretudo, quando se trata dos grupos de pessoas de menor poder aquisitivo que na ótica do Estado - o principal agente regulador do espaço, com seu conjunto de normas, não raro, contraditórias estão sempre em segundo plano. O Estado acaba então, contribuindo, de maneira relevante, para o aumento das contradições presentes no espaço urbano.

O bairro das Malvinas, que inicialmente foi habitado por uma população de baixo poder aquisitivo, que então, não dispunha de uma infraestrutura básica alocada para atender as necessidades de seus habitantes (água encanada, rede de esgoto energia elétrica) e que ainda, não continha uma quantidade suficiente de estabelecimentos comerciais e serviços que atendesse a um contingente demográfico que possuía por um processo de crescimento importante, que lhe garante o status de bairro mais populoso de Campina Grande. Atualmente sua formatação diferencia-se daquela, do início de seu processo ocupacional, suas novas espacializações o

quantificam e, por conseguinte, o qualificam em infra-estrutura e serviços, que resultaram na sua atual tessitura histórica (forma/conteúdo), cuja materialização, atualmente faz prevalecer fortemente o urbano em relação, ao antigo rural. A fotografia em destaque abaixo, mostra as ruínas de uma antiga residência do campo, desmontada pelo avanço do tecido urbano do bairro das Malvinas.

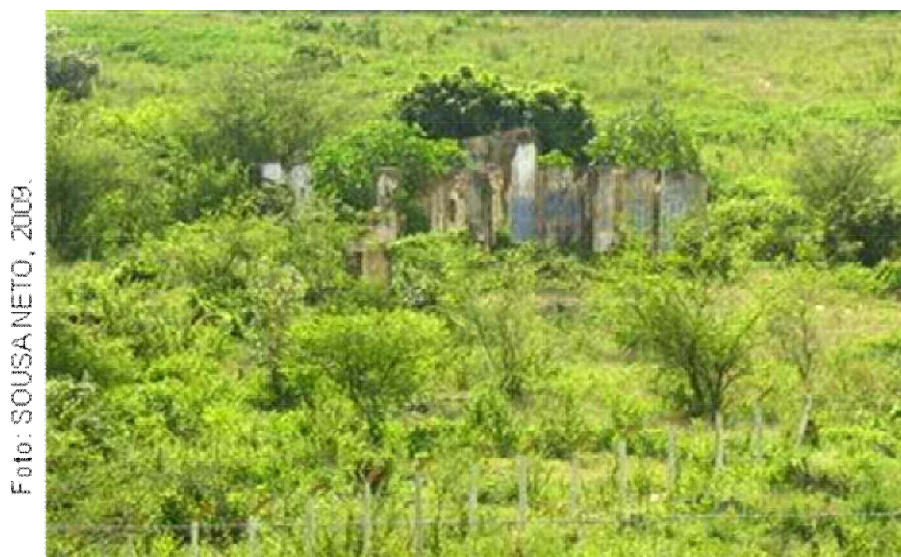


Foto 8 - Detalhes de uma residência do campo, extinguido pelo avanço do tecido urbano

As razões desse crescimento tanto no que se refere a sua população (atualmente 37 mil habitantes)¹³, quanto ao que concerne ao adensamento estrutural (formas) seguidas de funções das mais plurais, revelam um ritmo de crescimento e, simultaneamente, uma gama de funções existentes no espaço intra-urbano do bairro das Malvinas, suficientes para que este adquira uma nova centralidade.

A implantação de uma variedade de equipamentos de consumo coletivos, espacializados sobretudo nos ultimo decênio, tendo como principal indutor o Estado que atuando com sua política implantação infra-estruturas como a abertura de vias de acesso o que submete o solo urbano á uma constante (re) valorização como destaca Flávio Villaça (1986, pp. 87-88).

¹³ Projeção do Autor, com base na evolução demográfica dos anos subsequentes. Os dados são referentes ao censo demográfico do IBGE, ano 2000.

[...] há uma forte disputa entre as classes sociais em torno da produção do ambiente construído. Entretanto o que as classes sociais realmente disputam quando da produção desse ambiente, é mais que o comando do espaço urbano em si: é o controle do tempo despendido em deslocamentos intra-urbanos, já que o tempo não pode ser controlado diretamente. O homem controla o tempo indiretamente atuando sobre o espaço.

Essas mudanças ocorridas no espaço provocam um conjunto de novas relações societárias já que em um processo de espacialização é impossível dissociar as relações dos indivíduos no processo de espacialização/materialização, pois todo objeto ou ação que em conjunto, dão a forma espacial mais elaborada, resultam da racionalidade humana. Não existe espaço geográfico sem o homem que o elabora.

É quase impossível que a tecitura do espaço urbano der-se sem o acúmulo de conflitos. Pois no espaço urbano da cidade capitalista, há uma presença acentuada de conflitos na medida em que essa cidade comporta grupos de indivíduos com interesses não raro, antagônicos, ou seja, os grupos que lutam para se estabelecer no espaço¹⁴ nesse caso o espaço urbano num primeiro momento tem um objetivo comum, o acesso. Todos querem ter acesso ao espaço, no entanto, esse acesso só é possibilitado mediante a capacidade que o indivíduo possui de pagar por uma fração de espaço.

A rua de um bairro, cuja função inicial, era o livre deslocamento das pessoas, que no cotidiano utilizavam-se dessa mesma rua como lugar possível de realizar um passeio ou um encontro tranquilo, uma conversa. Quando essa dinâmica se altera e os equipamentos técnicos se avolumam a ponto de praticamente obstruí-la com sua presença imponente, expropriando parcialmente, as pessoas do seu lugar de convívio (intimidade), isso às conduz a sensação de estar em meio a algo que lhe é estranho.

O lugar, embora, não perca o seu significado para os que nele convivem, sofre alterações significativas a ponto de exigir um novo padrão

¹⁴ O objetivo nosso, não é confundir o espaço enquanto objeto de estudo da Geografia, com a Terra que é uma base material, um bem comum. Trata-se antes de tentar compreender, a corrida pelo acesso que permite materializar nela, a partir do trabalho humano, as condições de reprodução de vida. Assim, como a terra tem se tornado cada vez mais restrita por conta, naturalmente, da sua impossibilidade de reprodução e a demanda nas cidades torna-se cada vez maior desencadeia-se um conflito permanente pelo seu acesso pois a terra com o trabalho que nela é elaborado, constitui o espaço e nele portanto dar-se os conflitos socioespaciais.

de comportamento socioespacial. O exemplo mais comum é o automóvel que toma posse das ruas e avenidas, que doravante, passa a ter a função quase exclusiva de comportá-lo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foi a partir do ano de 1999 (recorte temporal) escolhido para a apreensão dos elementos que compõem a atual formação do bairro das Malvinas, que se intensificaram as ações dos atores sociais que, a singularidade que caracteriza cada um e, havendo estes, imprimido suas marcas, ou seja, havendo feito dispêndio de trabalho e atividades que resultou na atual conjunção de forma e conteúdo que sintetizam um modelo global de construção do espaço urbano propriedade privada, preço e valor da terra, segregação sócio-espacial, lutas por direito a moradia, água, luz, permanência no lugar ocupado, etc. (RODRIGUES, 2006), o que revela no processo de construção do Bairro das Malvinas, as contradições inerentes a uma sociedade dividida em classes.

O bairro enquanto recorte espacial da cidade, que por sua vez está inserida num contexto de mundo manifesta-se desde então (1999), com uma diversidade de formas e funções (urbanas) que reforçam as mudanças ocorridas *in loco* ao longo do processo de construção.

A atual configuração espacial deu-se especialmente a partir da valorização do solo urbano, fato incitado, pela atuação paralela dos atores que produzem o espaço e tendo na vanguarda, o Estado, os promotores imobiliários e os grupos *desprovidos* onde a ação imprimida por cada um destes determina a dinâmica da produção espacial.

O bairro das Malvinas revelou-se no processo de espacialização, como *ponto de fusão*, onde as carências sociais vão de encontro com as políticas de habitação do Estado. Esta problemática, é mais incidente, nas áreas *pobres* das cidades dos países periféricos, atinge parte expressiva das populações que reagem as restrições que lhes são impostas ocupando espaço, e promovendo conflitos com o objetivo de suprirem suas necessidades, especialmente à necessidade de habitar.

De modo, mais específico, esse processo é relacional. Resultando, da incorporação do bairro ao modelo de desenvolvimento nacional no qual a cidade se insere e passa a reproduzir tanto as inovações na organização do

espaço. Inovações e desigualdades que passam a coexistir desencadeando os conflitos mais acentuados no espaço urbano.

No momento em que a cidade passa por um processo de diversificação nas atividades produtivas (surgimento das indústrias, ampliação do comércio), essa conjunção de fatos, elabora o processo pelo qual Campina Grande identifica-se com o contexto nacional.

Surge nesse momento a intervenção do Estado na implantação de políticas habitacionais com recursos oriundos do BNH, já que os municípios apresentavam um déficit habitacional crescente devido a migração campo/cidade, em curso mais forte. Todavia, como as cidades brasileiras privilegiadas pelos direcionamentos de capitais dentro de um esforço de industrialização do país, já apresentavam um crescimento desordenado da população urbana, as políticas habitacionais efetivadas pelo Estado, seriam insuficientes para atender a crescente demanda.

O bairro das Malvinas forma-se então do esforço de uma população carente que se organiza e, confronta-se com o Estado ocupando unidades habitacionais em fase de construção que posteriormente passou a receber investimentos em infra-estrutura, sendo estes, o fio condutor de conflitos desta vez, envolvendo outros grupos. Com a infra-estrutura implantada, o lugar passa a ser cobiçado, sobretudo pelos agentes imobiliários que dão início a expropriação imobiliária, segregando parte da população que habitava inicialmente, para as áreas limítrofes.

O Estado acaba, portanto, tendo uma posição dual produtor ou regulador e agente expropriador pois quando ele implanta a infra-estrutura (equipamentos), não raro, colabora com os interesses dos agentes imobiliários, que conflitam, neste caso, com os grupos excluídos, pelo uso do solo urbano.

Por fim, o bairro das Malvinas cuja tessitura fora marcada por contradições emanadas da gestão do espaço urbano (ordenamento contraditório) que desencadeia conflitos e tensões cuja acumulação reforça a idéia de campo de lutas, se projeta com um toque conservador, quando se observa a produção do urbano em um cenário mais amplo, torna-se nítido que todas as questões inerentes a reprodução espacial em análise vitrina

um modelo estabelecido a partir de uma lógica maior da reprodução do espaço urbano.

REFERÊNCIAS

ALVES, Julia Falivene. **Metropolis**: cidadania e qualidade de vida. São Paulo, Moderna 1992. (coleção Polêmica)

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **O lugar no/do mundo**. São Paulo. Labur Edições, 2007, 85p.

CORRÊA, Roberto Lobato. Espaço, um conceito-chave da Geografia. In: **Geografia: Conceitos e Temas**. (Org.). CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo César da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato. 3ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995; pp. 15-47.

CORRÊA, Roberto Lobato, **O Espaço Urbano** – 3ª ed. São Paulo – Ática 2002 (Série Princípios).

DURAND-LASSERVE, Alain. GESTÃO FUNDIÁRIA, PRODUÇÃO IMOBILIÁRIA E CRESCIMENTO DAS PERIFERIAS URBANAS: um meio de observação da mudança social nas grandes metrópoles do Terceiro – Mundo: in **Seminário sobre Urbanização nos Países em Desenvolvimento**. João Pessoa, 1982.

HARNECKER, Marta, **Conceitos Elementares do Materialismo Histórico**, 1ª ed. global editora, 1981.

IBGE, **Dados Preliminares** – 1996 projeção para 2000.

LEFEBVERE, Henry. **O Direito à Cidade**: tradução de Rubens Eduardo Frias; São Paulo - Centauro. 2001

_____, **A Revolução Urbana**. Tradução de Sergio Martins; Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999.

LIMONAD, Ester. **Espaço – tempo e urbanização**: Algumas considerações sobre a urbanização brasileira. In. CIDADES: Revista Científica V5 n 8 Presidente Prudente 2008.

MARICATO, Ermínia – **Habitação e Cidade**: São Paulo; Atual 1997.

RORIGUES, Arlete Moysés. **Moradia nas cidades brasileiras**. 9 ed. São Paulo, Contexto, 2001. (Repensando a Geografia).

_____, Estatuto da Cidade, Plano Diretor – Possibilidades e limites. In **XIV Encontro Nacional de Geógrafos**. 2006. Rio Branco, AC.

SANTOS FILHO, E. M. e ALONSO, S.F. **O papel dos fatores Locacionais na criação do tecnopolo Campina grande – PB**, Terra Livre, Dourados MS, Ano 24, v. 2, n. 31, pp. 49-62, Jul. – Dez. / 2008.

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do Espaço Habitado**: fundamentos Teóricos e Metodológicos da Geografia. 6ª ed. São Paulo: EDUSP, 2008.

_____, **A Urbanização Brasileira**. 5ª ed. São Paulo: EDUSP, 2008.

SOUZA, Marcelo Lopez de. e RODRIGUES. Glauco Bruce. **Planejamento Urbano e ativismos Sociais**. São Paulo. UNESP. 2004

SOUZA, Marcelo Lopez de. **ABC do desenvolvimento urbano**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. 2003.

VILLAÇA, Flavio. **O que todo cidadão precisa saber sobre habitação**. São Paulo. Global 1986.

ANEXOS

Anexo 1: Folheto de condomínio fechado com localização e valores uma nova lógica na espacialização em curso no/do lugar, alterando a estrutura socioespacial

RESIDENCIAL
COLINAS
SWEET HOME

Invista em tranquilidade e segurança

CONDOMÍNIO 100% MURADO

Apartamentos com
• 2 quartos (sendo 1 suíte)
OU
• 3 quartos (sendo 2 suítes)

RESIDENCIAL
COLINAS
SWEET HOME

RUA RODRIGUES MOURA
RUA FUND LEMOS
R. MARIA GUILMINEZ ALBUQUERQUE
RUA DAÍDO
R. JOSÉ P. N. FILHO

PRESTAÇÕES A PARTIR DE
R\$ 306,00*

Depois de aprovação, manutenção da propriedade e aprovação dos endereços são por conta do cliente. O valor do imóvel não está condicionado à aprovação.

FAÇA SUA INSCRIÇÃO - SEM SORTEIO
FONE (83) 3321-2357

Anexo 2: documento enviado para os habitantes inadimplentes, com ameaças de retomadas do(s) imóvel (eis).



COMPANHIA ESTADUAL DE HABITAÇÃO POPULAR

Av. Hilton Souto Maior, 3059 - Mangabeira - João Pessoa /PB
Rua Cel. João Lourenço Porto, 186 - Centro - Campina Grande/PB
Fones: (83) 310-9070 e (83) 213-9191

João Pessoa, 09 de dezembro de 2003.

COMUNICADO

Senhor Mutuário

Como é de conhecimento de V.Sa., visando oferecer melhores condições para atender às solicitações dos mutuários das Malvinas, representada pelos conjuntos habitacionais Bodocongó I e Bodocongó II (1ª, 2ª e 3ª etapas), o Senhor Governador autorizou as seguintes medidas:

Ajuste do valor máximo da prestação para 20% do salário mínimo (atualmente R\$48,00);

Remanejamento do valor do débito das prestações em atraso, até agosto/03, para o final do prazo do contrato original.

Para ter direito a esses benefícios, é necessário o comparecimento à CEHAP para assinatura do Requerimento e Termo de Adesão.

A taxa de transferência foi dispensada. Os detentores de contratos de gaveta deverão providenciar a transferência e/ou renegociação da dívida se estiverem investidos de poderes para tal operação.


Lembramos que se não houver manifestação por parte de V.Sa. até a data limite de 30.12.03, o financiamento habitacional voltará a situação original.

Os contratos que permanecerem com débito em atraso, sem a manifestação do mutuário, terão sua dívida considerada vencida e medidas judiciais serão adotadas para retomada do imóvel.

Portanto, caso V.Sa. esteja com prestações atrasadas e/ou tenha interesse nas alternativas oferecidas, deve procurar a agência da CEHAP - Campina Grande, até 30.12.03, para regularizar sua situação.

A DIRETORIA

Anexo 3: reclamação devido ao aumento da prestações habitacionais.


ESTADO DA PARAÍBA
ASSEMBLEIA LEGISLATIVA
 CASA DE EPIFÂNIO PESSOA
 12ª Legislatura
 SECRETARIA LEGISLATIVA
 DIRETORIA DE APOIO PARLAMENTAR

07/92.

07/92

REQUERIMENTO Nº [REDACTED] 192.

PEDIDO DE INFORMAÇÃO

AUTOR: GERVÁSIO RO AVIDES MARIZ MAIA

ASSUNTO: PEDIDO DE INFORMAÇÃO AO PRESIDENTE DA CEHAP

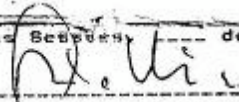
SR. PRESIDENTE:

REQUEIRO a Vossa Excelência, na forma regimental e após ouvido o plenário, que seja solicitado ao Presidente da CEHAP informações sobre os critérios adotados para elevação das prestações do CONJUNTO ALVARO GAUDÊNCIO (MALVINAS) em Campina Grande.

JUSTIFICATIVA:

O aumento indiscriminado das prestações habitacionais daquele conjunto, bem como a falta de divulgação dos critérios adotados para tal procedimento, tem gerado inúmeros protestos por parte dos habitantes que ali residem.

Sala das Sessões, de _____ de 1992



 Deputado Estadual

Anexo 4: requerimento pela implantação de um mercado público no bairro das Malvinas



ESTADO DA PARAÍBA
ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA
CASA DE EPITÁCIO PESSOA
12ª Legislatura
SECRETARIA LEGISLATIVA
DIRETORIA DE ASSESSORIA PARLAMENTAR

REQUERIMENTO Nº 76 / 92.

AUTOR: GERVÁSIO BONAVIDES MARIZ MAIA (PMDB)
ASSUNTO: Apelo ao Presidente da CEHAP

SR. PRESIDENTE:

REQUEIRO a Vossa Excelência, na forma regimental e após ouvido o plenário, que seja dirigido veemente apelo ao Presidente da CEHAP, DR. JOÃO AGRIPINO MAIA DE VASCONCELOS, no sentido de estudar a possibilidade de construir um Mercado Público no Conjunto Álvaro Gaudêncio (MALVINAS), em Campina Grande.

JUSTIFICATIVA:

O presente pleito tem sua razão de ser, tendo em vista que beneficiará mais de 30.000 (trinta mil) habitantes que residem naquele conjunto, incentivando o comércio local, gerando empregos, além de facilitar a vida das Donas de Casa.

Sendo assim, conto com o apoio de todos os Senhores Parlamentares para a aprovação deste requerimento.

Sala das Sessões, _____ de _____ de 1991


Deputado Estadual